



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

KENNEDY SOUSA LOPES

VIVÊNCIAS DA ARTE: MEU PASSADO-PRESENTE E PRESENTE-FUTURO

**TOCANTINÓPOLIS - TO
2019**

KENNEDY SOUSA LOPES

VIVÊNCIAS DA ARTE: MEU PASSADO-PRESENTE E PRESENTE-FUTURO.

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilidade em Artes e Música, sob a orientação do Prof. Dr. Leon De Paula.

Tocantinópolis - TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- L864v Lopes, Kennedy Sousa .
 Vivências da Arte: Meu Passado-Presente e Presente-Futuro . / Kennedy
 Sousa Lopes. – Tocantinópolis, TO, 2019.
 58 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2019.
Orientador: Leon Paula
1. Educação do campo. 2. Mapeamento das Emoções. 3. Memórias. 4. Ser
em Arte. . I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Kennedy Sousa Lopes

VIVÊNCIAS DA ARTE: Meu Passado-Presente e Presente-Futuro

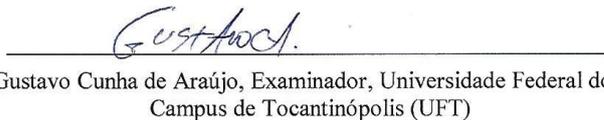
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Tocantinópolis, Curso de
Licenciatura em Educação do Campo com
habilitação em Artes e Música, sob orientação da
Prof. Dr. Leon De Paula

Data de aprovação: 25 / 11 / 2019

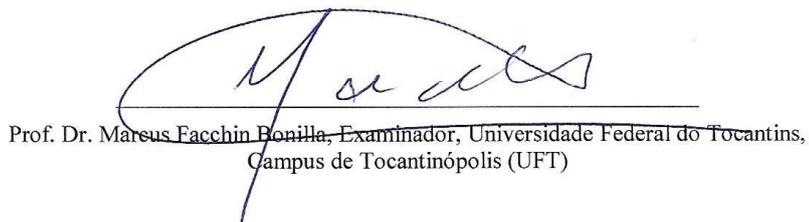
Banca Examinadora



Prof. Dr. Leon De Paula, Orientador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de
Tocantinópolis (UFT)



Prof. Dr. Gustavo Cunha de Araújo, Examinador, Universidade Federal do Tocantins,
Campus de Tocantinópolis (UFT)



Prof. Dr. Marcus Facchin Bonilla, Examinador, Universidade Federal do Tocantins,
Campus de Tocantinópolis (UFT)

*É com imenso prazer que dedico a conclusão desse trabalho a minha querida e guerreira mãe, Lucivane, e a minha namorada Mariza, essas que sempre me apoiam e dão forças para continuar lutando. Quero dedicar a minha família em nome das minhas duas irmãs, Ketly e Kemile, a meu pai e também aos amigos.
Obrigado a todos pela força!*

*Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...).
Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos.*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Nesse processo de formação na graduação, desde o princípio, sempre tive pessoas que me apoiaram, principalmente a minha família. Foram muitas as pessoas que passaram e fizeram parte desse trajeto, ao qual eu passei. Agradeço a todos e todas que, de forma direta ou indireta, me ajudaram, incentivando ou estando ao meu lado nas horas mais difíceis, pois essa caminhada de escrita me deixou exausto, e sinceramente muitas foram às vezes que pensei em desistir. Mas minha mãe sempre me disse que “Quem desiste são os fracos”, e então sempre levantei a cabeça e continuei lutando.

Agradeço imensamente a Deus por essa conquista, por ter me dado força, saúde, perseverança, sabedoria e sempre me guiar nessa trajetória.

Agradeço muito à minha mãe, por ter sempre feito de tudo para que eu conseguisse alcançar os meus objetivos, pois essa mulher, essa guerreira que é minha mãe: sempre me apoiou e aconselhou! Posso dizer que hoje sou essa pessoa por causa dela, que nunca deixou de se preocupar comigo e que sempre cuidou de mim. Obrigado, minha Mãe, por todo o esforço que a Senhora fez e faz para nos dar o melhor! Eu te amo, Mãe!

Agradeço ao meu Pai, por me dar força para seguir em frente nessa caminhada. Obrigado por ter me dado suporte as vezes que você teve a oportunidade.

Agradeço e dedico essa conquista a minha companheira, minha amiga e namorada Mariza, por sempre estar me apoiando nas minhas decisões. Por sempre me ouvir e ajudar quando eu mais precisei de alguém para conversar, por nunca se esquecer de mim, mesmo nos momentos mais difíceis... Obrigado por tudo! Eu te amo, meu amor!

Aqui deixo também os meus agradecimentos ao meu orientador, o Prof. Dr. Leon De Paula, por ter aceitado o meu trabalho, por sempre ser mais que professor, por ser um Amigo que nesse último ano esteve ao meu lado me apoiando, dando conselhos e ajudando no que eu precisei. Obrigado por tudo o que você fez por/pra mim. Sou imensamente grato por tudo, meu amigo!

Quero aqui deixar os meus agradecimentos aos meus colegas de turma e amigos, dizer que todos vocês foram importantes tanto na minha vida pessoal

quanto na acadêmica. Deixo o meu muito obrigado a todos e um grande e forte abraço.

Agradeço a todos os Professores que me deram aula, vocês fizeram a diferença na minha formação. Por isso agradeço de todo o meu coração a todos, por tudo. Aproveitando, deixo os meus agradecimentos aos servidores da UFT Câmpus de Tocantinópolis – TO: vocês são demais! Obrigado por tudo!

RESUMO

A presente pesquisa apresenta um registro da minha trajetória enquanto estudante do Ensino Médio e da Graduação, sobre os possíveis vínculos de relações que me fizeram ter outro olhar sobre a arte, possibilitando que eu mudasse minha visão, na Graduação, a respeito do que me fora apresentado quando era aluno do Ensino Médio, na Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães, que fica localizada em Vila Tocantins – TO, município de Esperantina – TO. Nessa mesma escola aconteceu parte do trabalho de construção do material que apresento agora e ele está baseado no uso de alguns elementos da auto-etnografia, segundo os termos de Fortin (2009) e Santos (2017). Para a coleta de dados, foram utilizados questionários que foram aplicados em quatorze alunos das sete turmas do Ensino Médio daquela Escola, além de observações que foram realizadas em algumas dessas turmas e entrevistas feitas com dois alunos do Ensino Médio, de turmas diferentes. Os dados coletados me serviram de base para entender como se procede o ensino de Artes no Ensino Médio. Durante as observações e análises, percebi que o ensino dessa disciplina, em algumas turmas, é realizado com aulas diferentes das que eu tinha quando fui aluno naquela Escola, uma vez que já estão trabalhando com outras linguagens artísticas. Mas, ainda assim, percebo que a disciplina de Artes continua desvalorizada, em comparação com as demais.

Palavras-chave: Educação do campo. Mapeamento das Emoções. Memórias. Ser em Arte.

ABSTRACT

This research presents a record of my trajectory as a high school and undergraduate student, about the possible ties of relationships that made me take another look at art, allowing me to change my view, undergraduate, about what I was presented when he was a high school student at the Dr. Ulisses Guimarães State School, which is located in Vila Tocantins, Esperantina - TO. In that same school there was part of the work of building the material I present now and it is based on the use of some elements of auto-ethnography, according to the terms of Fortin (2009) and Santos (2017). For data collection, we used questionnaires that were applied to fourteen students from seven high school classes of that school, as well as observations that were made in some of these classes and interviews with two high school students from different classes. The data collected served as a basis for me to understand how to teach arts in high school. During the observations and analysis, I noticed that teaching this discipline in some classes is done with different classes than I had when I was a student in that school, since they are already working with other artistic languages. But still, I realize that the arts discipline remains undervalued compared to the others.

Keywords: Field Education. Emotions Mapping. Memoirs. Being in art.

LISTA DE ABREVIATURAS

EEDUG	Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães
Dr.	Doutor
UFT	Universidade Federal do Tocantins
TO	Tocantins
HQ	História em Quadrinhos
TC	Tempo Comunidade
TU	Tempo Universidade
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
UE	Unidade Escolar
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PA	Projeto de Assentamento
EM	Ensino Médio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 TRAJETÓRIAS.....	17
2.1 O Ensino Médio.....	17
2.2 A Graduação.....	19
2.2.1 Vivências a partir das disciplinas.....	19
2.2.1.1 História da Arte.....	19
2.2.1.2 Percepção Visual.....	20
2.2.1.3 Laboratório de Artes Visuais I e II.....	21
2.2.1.4 História em Quadrinhos.....	21
2.2.1.5 Construção Cênica de Narrativas: <i>Os Fuzis da Senhora Carra</i>	22
2.2.2 Vivências para além das disciplinas.....	23
2.2.2.1 Parque Nacional da Serra da Capivara (PI).....	23
2.2.2.2 Visita ao Museu Nacional do Homem Americano (PI).....	24
2.2.2.3 Pepxã.....	24
2.2.2.4 Oficina de Sementes.....	25
2.2.2.5 Apresentação de Teatro de Bonecos (Fantoches de Meias).....	26
2.2.2.6 Viagem a São Luís – MA.....	26
2.2.2.7 Apresentação Cultural Bumba Meu Boi (Tocantinópolis – TO).....	26
2.2.2.8 Exposição Fotográfica Paraguaçu.....	27
2.2.2.9 Apresentação Do Teatro de Sombras.....	27
3 VOLTA À ESCOLA PARA A COLETA E ANÁLISE DE DADOS PARA A PESQUISA.....	38
3.1 Amostragem e Análise de Dados.....	37
4 PROJEÇÕES.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Para esta pesquisa a respeito do ensino de artes, busquei entender como continua sendo o processo de ensino da disciplina de artes nas turmas de ensino médio, na escola onde estudei (e alcancei a minha formação básica, concluindo o Ensino Médio), a partir da minha trajetória e das vivências enquanto estudante dessa mesma escola.

Acerca do ensino da arte, a autora Alessandra Pereira Matias Uginó (2013) relata que:

O ensino contemporâneo de Arte propõe uma aproximação entre arte e vida. O olhar contemporâneo presentifica experiências, uma grande aventura, que amplia leituras de mundo. Para ampliar possibilidades enquanto arte-educador é preciso proporcionar espaço/tempo de desaceleração e escuta para novas experiências. Uma ação/reflexão em sala de aula pode mudar a vida do aluno e também do professor. É possível aprender com a própria arte, o modo de ensinar arte (UGINO, 2013, P. 89).

Dessa forma, decidi pesquisar sobre esse assunto, a partir de encontros relacionados às minhas primeiras orientações, onde fui instigado a refletir sobre a minha trajetória e as vivências enquanto estudante do Ensino Médio. Com esses diálogos reflexivos sobre o meu processo de ensino na disciplina de artes no Ensino Médio, optei por mudar a minha pesquisa, a partir do que eu já tinha vivido.

A pesquisa tem como objetivos realizar um mapeamento da minha trajetória como matéria que me constitui como ser, relacionar os dados da pesquisa com alunos do ensino médio (Ulisses Guimarães) com os relatos de quando eu estudava no Ensino Médio e na Graduação (UFT) e descrever os momentos que me fizeram ver a arte de outra forma.

É importante lembrar que aceitei essa pesquisa, porque continuei com um tema que era parecido com o tema anterior, e principalmente pelo fato de relembrar, naquele momento, como foi o meu ensino na disciplina de artes. Isso me fez querer pesquisar ainda mais sobre esse tema, pois me incomodou saber que a arte não é apenas aquilo que eu vi no Ensino Médio, e sim muito além do que me foi apresentado, essa é a razão pela qual se justifica a minha pesquisa. No entanto, também quis investigar sobre como os atuais alunos veem a matéria de artes no ensino médio, para relacionar com as minhas vivências, através do ensino da

mesma disciplina (artes), visando compreender como está sendo o processo de ensino da matéria de arte para alunos do ensino médio. Dessa forma, o autor Prado Jr (1981) relata que a “singular conjugação de um pensamento poderoso e ação [...] é isso que (me) permitirá [...] o seu (meu) papel de ator e autor da História” (p. 40); e complementa, afirmando que “É isso que (me) permitirá [...] situar-se na posição de verdadeiro experimentador social [...] dos processos experimentais” (p. 40).

Com a colocação de Prado Jr, início a apresentação do tipo de pesquisa utilizado na construção do presente trabalho. Na pesquisa foi utilizado uma aproximação ao método de Auto-etnografia, com base nos (as) autores (as) Fortin (2009) e Santos (2017), considerando que a pesquisa também tem traços dos métodos da História de Vida e do Estudo de Caso.

A autora Fortin (2009) acerca dessa metodologia destaca que:

A auto-etnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (FORTIN, 2009 p. 83).

A aproximação a esse método da Auto-etnografia para a pesquisa se justifica pela proposta do trabalho, pois através da minha história de vida, faço uma análise do contexto voltado ao ensino de arte no período do Ensino Médio. A auto-etnografia foi uma inspiração, pois trago elementos voltados a esse método, utilizando, de certa maneira a escrita do “eu”, em relação às minhas experiências vividas, desde o ensino médio até a graduação, e posteriormente também é bastante característica durante o presente trabalho, sendo assim, uma pesquisa qualitativa.

Para a metodologia, foram utilizados alguns instrumentos para a coleta de dados, dentre os instrumentos, utilizei na pesquisa, o questionário semi-estruturado, o mesmo foi apresentado com (8) oito perguntas para entender-analisar o que os participantes entendem e/ou poderiam estar fazendo sobre a arte nas suas aulas. O segundo instrumento foi às observações feitas em aulas da disciplina de artes nas turmas de ensino médio. As observações serviram para assimilar algumas respostas dadas pelos participantes da pesquisa.

Por fim, o último instrumento escolhido para a coleta de dados, foi a entrevista com alunos do ensino médio, a respeito das suas aulas de artes, com o objetivo de fazer as devidas comparações com as respostas obtidas do questionário e

relacionar os dados das mesmas com os meus relatos do período em que frequentei o ensino médio.

Na presente pesquisa para o levantamento dos dados, contei com a participação de 14 alunos matriculados na Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães. Os mesmos participantes eram de 5 turmas diferentes entre as séries de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. Os 14 participantes responderam ao questionário. Contei com a participação de 2 desses alunos para a entrevista, sendo eles de turmas diferentes, o participante P da turma de 2º ano e o participante H referente a turma do 3º ano.

A Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães, fica localizada em Vila Tocantins – TO, sendo que a mesma se situa município de Esperantina – TO, que fica no extremo norte do estado do Tocantins, região essa conhecida como “Bico do Papagaio”. Essa escola é uma das quatro existentes no município de Vila Tocantins, e nela foi onde fiz a minha coleta de dados para a presente pesquisa.

Esta pesquisa foi dividida em três capítulos: o primeiro capítulo contém duas seções dentro dele. A seção primária traz os primeiros relatos descritos de como foram as minhas vivências na matéria de artes, no período em que eu era estudante do ensino médio na Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães. A seção secundária deste primeiro capítulo está representada pelas vivências obtidas durante a minha trajetória como discente na graduação no Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Códigos e Linguagens: habilitação em Artes e Música, da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Tocantinópolis – TO. Os presentes relatos sobre minhas vivências foram proporcionados tanto no ambiente da sala de aula, como fora da mesma, como por exemplo, em algumas viagens feitas durante esse período em que passei na graduação.

O segundo capítulo retrata a minha trajetória de volta para a escola para fazer a coleta dos dados para a pesquisa. Neste capítulo também estão expostos a amostra dos dados obtidos com os questionários aplicados aos alunos, as observações que foram feitas durante a coleta e para fechar o segundo capítulo, apresento a análise dos dados.

O terceiro capítulo se trata das projeções que o curso de Educação do Campo me propôs. Aqui faço uma reflexão acerca de algumas perguntas, com o intuito de

fazer uma projeção do meu “eu” para o futuro, onde reflito sobre as minhas vivências enquanto pesquisador, pensando nos desafios do professor de artes.

2 TRAJETÓRIAS

2.1 O Ensino Médio

A experiência que obtive enquanto estudante de escola pública chegou a ser boa. Sempre gostei de estudar: desde o ensino fundamental I até o ensino médio. Estudei sempre em escolas públicas e nunca tive problemas, mas venho aqui relatar minha experiência enquanto estudante da Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães¹, onde tive o prazer de estudar da 3º série do Ensino Fundamental I até colar grau, no 3º Ano do Ensino Médio.

Esses fatos aconteceram durante três anos da minha vida. Não considero que os outros nove anos que estudei deixaram de ser importante, mas preferi fazer um recorte dos meus últimos três anos, porque foram os anos em que eu já tinha mais maturidade para raciocinar e assemelhar diversas coisas que giravam ao meu redor.

Considero que todo meu processo educacional foi significativo para me tornar a pessoa que sou hoje. Em relação a isso, vou destacar alguns acontecimentos que ocorreram quando eu ainda estudava entre o 1º e o 3º ano do Ensino Médio, direcionando esses acontecimentos a apenas uma disciplina, com a intenção de ser o mais objetivo possível. Ressalto que a escolha dessa única matéria não é porque a mesma é mais importante que as outras, mas sim por perceber que essa disciplina (oferecida na grade curricular das escolas públicas como obrigatória) está numa área do conhecimento com menos reconhecimento² do que outras.

A matéria que foi escolhida para basear o meu relato dos fatos foi a de Artes. Desde sempre, foi uma das disciplinas que mais gostava. Mas, a partir do Ensino Médio, eu me vinculava às aulas de forma diferente³: àquelas do Ensino Fundamental (I e II). É incrível como as pessoas têm o poder de influenciar na vida dos outros: antes, eu era uma pessoa que gostava bastante de desenhar, pintar e,

¹A Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães, fica localizada em Vila Tocantins – TO, no município de Esperantina – TO, extremo norte do estado do Tocantins, região conhecida como “Bico do Papagaio”. Essa escola é uma das quatro existentes em Vila Tocantins.

² Porque a matéria, até o momento da pesquisa, é trabalhada por pessoas que não são formadas na área de Artes.

³ No Ensino Fundamental, as aulas eram mais voltadas para o desenho e pintura. No Ensino Médio, as aulas já foram mais voltadas a estudar sobre movimentos artísticos, autores famosos, obras produzidas e datas, dentre outros.

quando cheguei no Ensino Médio, mudou. Aqueles métodos – que eram utilizados na educação do Ensino Fundamental – que eram mais voltados para a pintura e o desenho, no Ensino Médio, passaram a ser de uma nova maneira: foram voltadas a ver e escrever sobre os movimentos artísticos, autores e obras. No Ensino Médio, o método era sempre voltado ao estudo dos movimentos artísticos, artistas, mas as aulas dificilmente mudavam. As aulas sempre seguiam a mesma lógica: a professora chegava, e começava a escrever, e assim foi criando esse costume de apenas escrever, na maioria das vezes, na aula de Artes. Isso, na minha opinião, “enfraquece” a disciplina de Artes, pelo fato de que a mesma não deveria ser apenas teórica, mas sim prática porque também é uma parte importante, juntamente para com a teoria, para o entendimento de tal matéria.

As aulas sempre foram nessa perspectiva, de que a importância da disciplina de Artes é apenas saber quando ocorreram os movimentos, as datas, os artistas que foram importantes nesses períodos. Com essa forma de educação, é que fui me adaptando a apenas ler, escrever, responder às atividades e, na medida do possível, aprender por parte da teoria (que era a metodologia utilizada pela Professora 1⁴).

A partir de então, comecei a gostar da forma como a Professora 1 dava as aulas. Percebi que era bom fazer as atividades rápidas para, depois, conversar com os colegas em sala, e isso pra mim era muito proveitoso: quem não iria gostar de fazer as atividades e, depois, ficar com o tempo livre? Imagino que todos os alunos da minha turma gostavam, assim como eu também gostava. Em outras situações, as atividades eram para desenhar em um quadro, fazer a ampliação de algum desenho que a professora passava para a turma.

Gostava tanto das aulas que, quando era dia da aula de Artes, já sabia que iria ter um tempinho livre depois da atividade, ou até mesmo apenas copiar o que a professora escrevia no quadro (isso quando não era o dia de prova).

Com essa experiência⁵, terminei o Ensino Médio. Nunca me chegou a ser algo a ser considerado como “complexo” ou “difícil”. As aulas e a matéria em si eram bem tranquilas. Por esse motivo, achava bem legal as aulas (mesmo não gostando tanto de escrever), como já era de costume, depois de responder as atividades ou

⁴ Intitulei como Professora 1 como forma de preservar a identidade da professora em questão. A Professora 1 foi a professora que esteve comigo, no período em que eu estudava no Ensino Médio.

⁵ A experiência de saber que as aulas seriam da mesma maneira, pois sempre era copiar o que a Professora 1 colocava no quadro ou responder as atividades.

copiar os conteúdos, sobrava um tempo para conversar com os colegas de turma. Isso me estimulava a copiar ou responder mais rápido. Sentia prazer em estar ali com meus colegas, mas pelo motivo de ter um tempo “livre”, depois das atividades propostas.

2.2 A Graduação

No ano de 2016, ingressei na Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Tocantinópolis, para cursar a graduação voltada para a formação em Licenciatura em Educação do Campo, com Habilitação em Artes e Música.

Quando cheguei ao curso, já sabia que o mesmo era voltado para a área de Artes. Porém, não sabia o que iria encontrar ali (mas fiquei meio ansioso para ver o que eu iria descobrir). Mesmo já tendo anteriormente um contato com Arte na escola (Ulisses), não imaginava o quê estaria por vir. Apenas fiquei ansioso, para ver o que seria mostrado para mim, durante o curso.

A recepção foi bem calorosa: lembro que foram feitas muitas apresentações, poemas, místicas (nesse período, não fazia idéia do quê se tratava isso). Meio que sem saber, já assemelhava⁶ aquilo que acontecia à minha frente no que se refere à arte, principalmente porque a decoração do local era bastante colorida: tinham várias fotografias penduradas, e as pessoas estavam caracterizadas em suas apresentações.

2.2.1 Vivências a partir das disciplinas

Dentro do curso, existem as disciplinas de núcleo comum e àquelas específicas das áreas de artes (artes visuais, música e teatro). Nesse trabalho eu destaco àquelas disciplinas as quais me vinculei com maior intensidade durante a graduação.

2.2.1.1 História da Arte

⁶ Entendia aquilo como arte, e estabelecia ligação a algumas apresentações exibidas em filmes, novelas e vídeos que já tinha acompanhado na televisão e na internet, mas que raras vezes eu tive a oportunidade de ver ao vivo, diante de mim.

Depois disso, comecei a ter um contato com uma disciplina voltada para as Artes Visuais. A disciplina se chamava História da Arte, foi ministrada pelo Professor Leon De Paula. Por aí, já fui tendo uma base do que veria durante o curso. Essa disciplina começou a mexer comigo, pois ao longo das aulas, como o professor fazia a sua explicação, era de uma forma que deixava os seus alunos interessados no conteúdo e, diferentemente da escola, era sempre utilizado, ao longo do semestre, métodos diferentes, e isso me fazia ficar focado na disciplina. O professor sempre mostrou fotos, vídeos e, principalmente, sempre que podia, passava algum filme relacionado ao assunto em que estávamos vendo na disciplina. Percebia-se que ele fazia aquilo por paixão: os olhos dele brilhavam quando estava explicando os conteúdos... Era bonito de ver! E isso fez muita diferença no meu aprendizado.

A partir de então, fui tentando me readaptar a essa nova realidade a qual eu estava fazendo parte: foi um golpe duro perceber que, antes, eu via a matéria de Artes de uma forma diferente. Pensava na época de Ensino Médio, que “Arte” era apenas mais uma disciplina para ser “estudada”, mas foi nesse momento que comecei a me reinventar enquanto ser humano, e perceber que eu fazia parte de um mundo que me foi apresentado totalmente “diferente”⁷. É estranho se desapegar de algo que, de certa forma, foi entrelaçado a si mesmo: assim passou a ser a arte na minha vida, deixando de ser algo confuso e se tornando algo que fazia um sentido. Quando falo nessa relação de desapegar, estou me referindo ao fato de que, antes, eu via a arte de uma forma (tratava como apenas uma disciplina), onde meu papel era somente ouvir o que se dizia e escrever reproduzindo o que era determinado. E, depois de entrar na universidade, passei a ver de outra forma (metodologias diferentes, e o próprio contato íntimo com o movimento em arte). Foi muito diferente, para mim, ver as pessoas praticando arte.

2.2.1.2 Percepção Visual

Outra disciplina que me chamou bastante atenção foi a de Percepção Visual com o Professor Leon De Paula no período. Essa disciplina traz consigo uma alta relevância para o campo das Artes. Tinham coisas que fizeram a disciplina se tornar

⁷ A expressão “diferente” está relacionada à maneira como foram as minhas aulas de artes no ensino médio. Durante o período que estudei no e.m só sabia sobre a arte através do que era escrito ou explicado, não tive contato com arte, passei a ter contato e conhecer após minha entrada na graduação, por isso defini como algo diferente.

ainda mais interessante: isso ocorreu quando começamos a produzir os dispositivos ópticos (Zootrópio, Corrupio, Câmara escura, Holograma, Desenho animado, etc.). Foi um processo importante e divertido para o meu aprendizado. Lembro também que, depois do processo de produção dos dispositivos, tivemos que apresentá-los para os alunos que estavam se deslocando de outras escolas da cidade de Tocantinópolis – TO até a Universidade. Foi uma experiência única, a de poder produzir tais dispositivos e depois explicar todo o processo de produção e a importância dos aparelhos.

2.2.1.3 Laboratório de Artes Visuais I e II

A disciplina de Laboratório de Artes Visuais I e II com o Professor Gustavo Cunha de Araújo, sendo mais duas disciplinas que tiveram bastante importância na minha formação, porque nelas se trabalhava com os processos de produção das atividades em grupo. Os grupos foram divididos para que os participantes pensassem uma estratégia para montar e apresentar sobre o seu tema (meu grupo ficou com o tema de fotografia). Com essa dinâmica de trabalhar em grupo, percebi que pensar em conjunto possibilita um bom diálogo e troca de idéias, o que contribui para todos os integrantes do grupo. Isso fez com que as pessoas dos grupos trabalhassem umas ajudando as outras. Mas o que foi bastante significativo foi poder imaginar, aprender e realizar o que aprendemos em sala de aula, e colocarmos para funcionar as idéias, tanto na parte teórica como na hora da prática. Logo depois de todo o processo de criação, juntamos os grupos e apresentamos os nossos trabalhos uns para os outros.

2.2.1.4 História em Quadrinhos

A disciplina de História em Quadrinhos (HQ) foi uma disciplina bem interessante e divertida, ministrada também pelo Professor Gustavo Cunha de Araújo. A proposta da mesma foi que os discentes que estavam fazendo parte da disciplina, conhecessem os elementos (balão, roteiro, legenda, título dentre outros) de uma H.Q, para depois partir para a fase prática da disciplina, onde criaríamos as H.Q's.

Na produção da H.Q, tive que produzir o roteiro da história para começar a desenhar. Depois da produção do roteiro, parti para o rascunho do desenho (fiz todos os desenhos que depois seriam refeitos em outras folhas, para chegar ao resultado final). Após terminar os rascunhos, fui para a parte final, onde passei os desenhos a limpo para, então, cobrir, colorir e preencher com as falas, legenda e mais outros elementos, concluindo a produção da minha H.Q.

Na disciplina, achei significativo produzirmos nossas próprias histórias, porque antes, quando eu era criança, eu exercitava isso: gostava bastante de desenhar (não era em função da criação de H.Q, mas me fazia muito bem) e, ao longo dos anos de estudo na escola, isso foi se perdendo. Foi muito proveitoso ter essa experiência, de poder lembrar momentos do meu passado que, naquele momento, se tornavam novamente algo do presente, sendo que depois de bastante tempo voltava a ser novamente feito por mim. Essa disciplina me fez entrar novamente em contato com a minha criança interior, que permanece sempre viva dentro de mim.

2.2.1.5 Construção Cênica de Narrativas: *Os Fuzis da Senhora Carrar*

Ao mesmo tempo em que tinha aulas de HQ, estava fazendo parte de uma turma que foi para a disciplina de Construção Cênica de Narrativas, com o Professor Leon De Paula (que, para início de conversa, todos concordaram, mas um tempo depois vi o quanto essa disciplina era complexa). Durante os primeiros encontros ocorreu tudo bem: todos os participantes queriam fazer parte da peça. Quando passou para a parte prática da disciplina (os ensaios), começaram a surgir às dificuldades: alguns não estavam dando importância ao trabalho, prejudicando assim os outros participantes. Começamos a ter dificuldades para alcançar o objetivo. Alguns participantes saíram da disciplina e outros permaneceram. Seguimos com o trabalho e, mesmo com todas as dificuldades encontradas pelo caminho, no final da disciplina, conseguimos fazer um bom trabalho (o primeiro desse gênero no curso de Educação do Campo).

Foi um desafio muito grande alcançar o objetivo da disciplina, que era fazer a encenação de uma peça de Bertold Brecht⁸, chamada *Os Fuzis da Senhora Carrar*⁹.

Sem dúvida foi um dos grandes desafios da minha carreira como acadêmico: foi uma experiência inesquecível porque, entre altos e baixos, me mostrou o valor de muitas coisas. Um dos maiores ensinamentos foi o de prestar atenção nas coisas que acontecem ao nosso redor todos os dias, e que nós não damos importância. Assim eu me sinto nos dias de hoje, pois já aprendi muitas coisas sobre a minha (nossa) vida, e por essa razão estou aqui relatando isso para que outras pessoas também possam saber o quanto ainda temos a aprender.

2.2.2 Vivências para além das disciplinas

2.2.2.1 Parque Nacional da Serra da Capivara (PI)

Tive o prazer de poder visitar o Parque Nacional da Serra da Capivara¹⁰ no final do ano de 2016, quando surgiu a oportunidade de viajar até o estado do Piauí. Foi uma viagem que me proporcionou muito aprendizado, pois é uma oportunidade que não se pode ter todo dia, e por isso aproveitei ao máximo da viagem para conhecer, ver e ouvir tudo o que os guias tinham para nos explicar sobre todo o processo de criação das figuras que estavam desenhadas naquelas pedras, segundo as pesquisas e estudos feitos por lá.

Foi bastante importante saber como são os processos feitos para a escavação dos fósseis que existem na região. Através das explicações dos guias

⁸ Segundo o site eBiografia.com, “Bertolt Brecht (1898-1956) foi um dramaturgo, romancista e poeta alemão, criador do teatro épico anti-aristotélico. Sua obra fugia dos interesses da elite dominante, visava esclarecer as questões sociais da época”. Informação obtida em <https://www.ebiografia.com/bertold_brecht/>, acesso em 16 nov 2019.

⁹ A peça *Os Fuzis da Senhora Carrar* trata da história de uma guerra que se passa na Espanha, onde uma mulher chamada Tereza perde o seu marido que fora para a guerra. Essa mulher briga contra tudo e todos para manter seus filhos (José e Juan) seguros, para que os dois não sigam o caminho do pai. Enfrenta seu irmão Pedro para que ele não leve os fuzis de seu falecido esposo para enfrentar os generais. Após várias discussões, Tereza vê um de seus filhos (Juan) ser trazido até sua casa, morto pelos generais. Após o acontecido, ela decide se juntar ao seu irmão e ao seu filho mais moço (José), partindo para a frente de batalha.

¹⁰ Segundo informações contidas no portal do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional: “O Parque Nacional Serra da Capivara foi criado em 1979, para preservar vestígios arqueológicos da mais remota presença do homem na América do Sul. Sua demarcação foi concluída em 1990 e o parque é subordinado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Por sua importância, a UNESCO o inscreveu na Lista do Patrimônio Mundial [...] e também na Lista Indicativa brasileira como patrimônio misto. Na área [...] foram localizados cerca de 400 sítios arqueológicos. A maioria deles contém painéis de pinturas e gravuras rupestres de grande valor estético e arqueológico.” Em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/42>>, acesso em 16 nov 2019.

turísticos e pesquisadores, notei o quanto é delicado o processo de escavação para se chegar ao resultado final (ou seja, a verificação dos fósseis). Os arqueólogos passam bastante tempo para conseguir concluir um projeto de escavação, e o que mais chama a atenção é ver o resultado desse trabalho exercido por esses pesquisadores.

Fiquei fascinado com os aspectos da região onde o Parque fica localizado: é tudo muito bem feito, desde o formato das rochas até as gravuras feitas nas pedras. Foram características que me chamaram bastante a atenção, na visita ao Parque. São coisas que não se ouvem e não se veem todos os dias e, por essa razão, isso se tornou importante para mim.

2.2.2.2 Visita ao Museu Nacional do Homem Americano (PI)

Na mesma viagem à Serra da Capivara, no estado do Piauí, tivemos a oportunidade de conseguir visitar o Museu do Homem Americano. Essa visita foi proporcionada pelo grupo que estava à frente na organização da viagem, tendo em vista essa visita ao museu. Aprendi e vi muitas coisas que irão permanecer por muito tempo em minha mente, foi uma experiência diferente e que me possibilitou ver tantos artefatos, além de ver fósseis também da Serra da Capivara. Diante daquelas peças, fiquei encantado e tentei pensar e projetar momentos através do que tinha visto ali no local. Outras peças que tive a oportunidade de ver me fizeram lembrar aulas que tive em outras disciplinas, durante a minha passagem pelo Ensino Médio.

2.2.2.3 Pexã

Na disciplina de Seminário Integrador V ministrada pelo Professor Leon De Paula, tivemos como uma das propostas que o grupo da nossa NB elaborasse uma mística para apresentar num dos dias em que estava acontecendo um evento na UFT, e a apresentação foi parte da nossa avaliação para a obtenção da nota do semestre na disciplina.

O nome do nosso NB era *PEPXÃ*, que foi um guerreiro indígena da etnia Apinajé¹¹. Esse guerreiro foi um líder que teve grande representatividade para o seu povo, pois o mesmo sempre procurou melhorias para o seu povo.

Com base nas histórias contadas pelos colegas indígenas sobre Pexã, criamos uma breve e significativa mística, onde eu tive o prazer de fazer o papel e representar esse grande guerreiro Apinajé. A representação da mística mostrou o quanto os povos indígenas são unidos e carregam isso como uma tradição. A apresentação em si representou um guerreiro que lutava pelo seu povo.

2.2.2.4 Oficina de Sementes

Num evento, acontecido na UFT – Tocantinópolis tive a oportunidade de participar de uma oficina de criação artística, em que o material em destaque utilizado para tal eram sementes, oriundas de diferentes lugares. Nessa oficina, o objetivo era que todas as pessoas trabalhassem em grupo para a construção de um quadro que tinha desenhado em sua superfície a figura de Paulo Freire. O mesmo já estava desenhado na madeira, sendo reproduzida por um dos discentes do curso de Educação do Campo no período.

No início dessa oficina, as pessoas responsáveis pela organização começaram explicando do que se tratava a mesma, onde seria importante e necessário que todos os participantes inscritos participassem do processo de preenchimento do quadro, pois essa também era idéia de uma oficina (que todos os participantes possam aprender juntos). O preenchimento daria forma ao quadro.

Após a explicação dos organizadores, avançamos para a segunda e última parte da oficina, que era para que todos os participantes ajudassem no preenchimento da figura, a ser feito com diversos tipos de sementes que tínhamos disponíveis no local. As sementes eram de vários tipos, tais como: arroz, feijão, milho, gergelim, dentre outras; e utilizamos também cola e palitos, para fixar as sementes.

¹¹Os Apinajés vivem em aldeias próximas à cidade de Tocantinópolis, sendo um dos povos que habitam a região há dezenas de anos. Segundo o site turismo.to.gov.br, “os Apinajé habitam uma área demarcada próximo ao município de Tocantinópolis, distribuídos em 7 aldeias. Sobrevivem da caça e da agricultura. Ainda mantêm boa parte de seus rituais ancestrais, especialmente na época de colheita, que acontece no verão”. Informação obtida em <<https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/bico-do-papagaio/principais-atrativos/tocantinopolis/povo-apinaje/>>, acesso em 30 nov. 2019.

Todo o processo feito na oficina foi bastante produtivo e até mesmo trabalhoso, pois foi preciso muita paciência para colocar semente por semente em seu devido lugar. Ao finalizarmos o quadro, ficou muito bonito! Com a oficina, aprendi que podemos trabalhar em Arte com materiais que estão ao nosso alcance, podendo ser feito por todas as pessoas que se interessarem em produzi-la.

2.2.2.5 Apresentação de Teatro de Bonecos (Fantoches de Meias)

Participei, como espectador, de um evento artístico na UFT – Tocantinópolis, produzida pela Turma Rejane Medeiros, em que foram realizadas algumas apresentações de teatro de bonecos, feitos com meias. Foram apresentações interessantes, que tratavam de histórias simples e que poderiam ser inventadas pelos discentes, mas que davam para explicar bem a mensagem que eles queriam passar nas apresentações. Além de algumas histórias serem divertidas, com esse método daria para fazer uma explicação sobre qualquer assunto importante e de uma forma simples e divertida, utilizando materiais fáceis de encontrar, facilitando até o processo de produção dos bonecos.

2.2.2.6 Viagem a São Luís – MA

Na viagem a São Luís – MA, para o VII Seminário Nacional das Licenciaturas em Educação do Campo, tivemos a oportunidade – numa noite após o evento na UFMA – de irmos ao centro Histórico de São Luís para visitar, assistir a uma apresentação da Roda de Congada e conhecer algumas coisas por lá. Na apresentação, tinha uma boa quantidade de mulheres em uma roda, dançando e cantando, acompanhadas pelo som de tambores que eram tocados por alguns homens, que também cantavam e acompanhavam as canções.

2.2.2.7 Apresentação Cultural Bumba Meu Boi (Tocantinópolis – TO)

A apresentação cultural foi organizada pela professora Marissel Marques, em que ela convidou um grupo que apresentou em uma noite a dança do Bumba Meu Boi, na cidade de Tocantinópolis - TO, num espaço da cidade conhecido como Quadrilhódromo. Essa apresentação foi bem importante, porque retratou a valorização que os representantes da apresentação bumba meu boi atribuem a essa dança, que faz parte da cultura brasileira, e que hoje já é mais difícil de ver. Dentre

os estudantes que assistiam a apresentação, muitos nunca tinham visto uma apresentação do Bumba Meu Boi. Foi muito bonito de ver todo aquele colorido das roupas, os enfeites em torno do boi e, principalmente, a dança, coreografia contagiante que colocou muita gente para dançar (inclusive eu).

2.2.2.8 Exposição fotográfica Paraguaçu¹²

Particpei de um projeto, organizado pela Professora Rosa Adelina, que se chamava Exposição fotográfica Paraguaçu. Tive a oportunidade de ser monitor desse projeto, onde a professora convidou alguns alunos para ajudarem na organização do espaço, e para que o grupo de alunos ficasse responsável por organizar a sala e os recursos que foram utilizados. A exposição foi exibida durante vários dias em uma sala na UFT/Unidade Centro. As exposições dos trabalhos fotográficos e audiovisuais ficaram em exposição do dia 05 ao dia 16 de novembro de 2018. Durante essa exposição, aconteceu a visita de estudantes de outras escolas para conhecerem a exposição fotográfica e para ouvir um pouco sobre o trabalho apresentado.

2.2.2.9 Apresentação do Teatro de Sombras

Fui espectador de uma apresentação de teatro de sombras. Não participei dessa disciplina (que era optativa e ministrada pela Professora Luana Mara Pereira), mas vi alguns colegas no processo de produção dos objetos para as apresentações, onde os mesmos utilizavam materiais simples para a criação do cenário, e das personagens das cenas. A disciplina de teatro de sombras teve como objetivo apresentar uma história (mito, lenda, histórias populares) para, depois de todo o processo de produção, passarem por uma prova pública. Achei bastante interessante a proposta e a disciplina, que fez com que os alunos usassem a sua imaginação para a criação das suas histórias.

Nesses relatos, demonstro algumas experiências que tive durante a minha graduação, esses são os principais, dentre todos os momentos importantes, ao qual tive acesso e a oportunidade de ver, conhecer e fazer arte durante essa minha trajetória, enquanto estudante da graduação.

¹²As informações, contida no cartaz da exposição, aqui serão transcritas: “Período: 05 a 16/11/2018. Local: Câmpus Tocantinópolis/UFT. Ficha Técnica:Fotografias: Rosa Adelina e Flávia Gaudêncio. Curadoria: Nara Oliveira. Preparação Fotográfica: Ulisses Dumas. Músicas: Laura Franco. Edição Audiovisual: Leco Brasileiro.”

3 VOLTA À ESCOLA PARA A COLETA E ANÁLISE DE DADOS PARA A PESQUISA

Como tínhamos planejado na etapa do pré-projeto, a coleta de dados seria feita no local onde estudei o ensino médio, na Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães. A proposta era aplicar, em determinado grupo de alunos, questionários semi-estruturados elaborados em conjunto com o meu orientador, que foram revistos durante os encontros de orientação e que eventualmente poderiam ser adaptados, conforme exigissem as condições do ambiente escolar em questão. Além da aplicação dos questionários, foram também aplicadas entrevistas com os alunos da escola, visto que as entrevistas ofereceriam um suporte a mais para a coleta de dados. Surgiu ainda, no processo de criação dos procedimentos metodológicos, a sugestão de que eu incluísse livremente minhas impressões, à medida que elas eventualmente surgissem, a respeito do que eu percebesse no ambiente escolar, durante essa fase de elaboração da pesquisa.

O primeiro contato na escola foi através de uma conversa pessoal com o diretor da Unidade Escolar (U. E.). Ao chegar, cumprimentei a todos que estavam na sala da Coordenação, inclusive a maioria dos servidores que estavam ali presentes eram conhecidos da época em que estudei na instituição: vários(as) professores(as), a supervisora escolar e o ex-coordenador, o técnico de manutenção... Após o momento de troca de cumprimentos, fiquei a sós com o Diretor. Entreguei a ele a Carta de Apresentação da minha pesquisa e expliquei o que pretendia com ela. Depois de ler a carta, ele me disse para que eu procurasse a Professora responsável pela Disciplina de Artes, e conversasse com ela a respeito.

Em seguida, fui à sala dos professores e perguntei pela Professora 2¹³, e a aguardei enquanto ela vinha para a sala. Ao aparecer na sala dos professores, cumprimentei-a quando ela chegou, pois eu a conhecia também, assim como os outros mencionados anteriormente. E a ela eu expliquei sobre a minha pesquisa e o que eu precisaria para coletar os dados. Ela disse que só precisava ver os dias das aulas. Logo depois, fomos ao mural em frente à sala da coordenação e olhamos os dias que seriam as aulas dela em determinadas turmas.

¹³ Professora 2 foi a professora que me recebeu na escola no período da coleta de dados para a presente pesquisa.

Foi nesse momento que disse a ela que eu só iria trabalhar com as turmas do Ensino Médio. Então ela me perguntou: “Por que os questionários serão passados apenas para os alunos das turmas do ensino médio?”. Disse a ela que um dos objetivos da minha pesquisa era o de trabalhar apenas com a delimitação de tempo desses três períodos, de modo que eu pudesse relacionar, com mais segurança, os dados coletados apenas com as experiências vividas durante minha passagem enquanto estudante da instituição nos anos de 2013, 2014 e 2015 no Ensino Médio.

Depois da justificativa, disse a ela o que eu tinha em mente para aplicar os questionários em todas as turmas do Ensino Médio, uma vez que meu propósito inicial era o de coletar dados de todas as séries (no caso, os primeiros, segundos e terceiro anos). Tudo estava acertado.

Antes de iniciar o processo para a coleta dos dados, conferi a documentação que seria necessária para me assegurar diante das informações que seriam passadas a mim. Comecei a conferir documento por documento e... percebi que tinha algo errado: os termos de compromissos estavam com o nome da pesquisa do meu outro colega! Quando o meu orientador foi adaptar os termos¹⁴, preencheu com os dados do meu colega e, por uma falta de atenção minha, eu não mudei o título que tinha na parte inferior dos documentos. E todos foram impressos com esse erro.

Depois de perceber esse erro, procurei as cópias dos documentos e sentei para modificá-los. Após alguns minutos, consegui corrigir tudo. Só faltava então mandar imprimir os novos documentos. Felizmente, tomei a atitude de conferir os documentos e consegui corrigi-los, antes do início da coleta dos dados.

Na quinta feira, eu aplicaria os questionários. Os primeiros alunos que responderiam ao questionário eram os da turma do Terceiro Ano Único. Naquela quinta feira a noite, chegando à sala dos professores, eu vi a professora 2 e aguardei (nesse momento eu me senti bastante nervoso e, ao mesmo tempo, estava me sentindo alegre. Acreditei que fosse pela sensação de estar dando um primeiro

¹⁴No processo de ajuste dos termos, tivemos pouco tempo. Era final do T.U, e eu já estava preste a voltar para a minha casa (T.C). Então tive que mudar as informações que tinha no modelo. Não foi possível imprimir os documentos no mesmo dia porque a xerocadora da Unidade Centro/UFT já estava fechada, então os documentos ficaram para serem impressos no outro dia. No dia seguinte ocorreu uma emergência: meu orientador foi acionado e se dispôs a prestar socorro a uma aluna (minha namorada) que estava passando mal, com fortes dores no estômago. Levou-a para a UPA. Lá o meu orientador assinou e carimbou os documentos, mas no momento nós não verificamos os papéis... e o erro ocorreu.

passo para a coleta dos dados. Mas essa alegria duraria pouco...). Depois de alguns instantes, a professora saiu na porta da sala e me chamou. Logo a professora 2 me deu uma notícia ruim (e que, no momento, me deixou com medo). Me disse que não teria como eu aplicar o questionário: a razão disso se deu pelo fato de que todos os alunos estavam fazendo o simulado para o ENEM.

Depois de passar por essa situação, fiquei inseguro.

A professora disse que tinha esquecido que seria feito o tal simulado. Mas que, no dia seguinte, eu poderia voltar à escola novamente, no período da tarde, que ela daria aula em duas turmas.

No dia seguinte, à tarde, voltei à escola para tentar iniciar a aplicação dos questionários (sendo que, na noite anterior, eu não tinha conseguido avançar no meu objetivo.). Chegando na escola, encontrei a professora 2. Aguardamos cerca de uns 15 minutos até tocar a sirene da escola. Então, nós nos dirigimos para a sala do Primeiro Ano “A”.

No percurso até a sala de aula, a professora perguntou quantos alunos eu precisaria para responder ao questionário. Respondi a ela dizendo que como eu queria aplicar o questionário para alunos de todas as turmas, e já tendo feito uma breve contagem em relação à quantidade de turmas que tinha, eu iria aplicar o questionário a dois discentes de cada turma. No caso, seriam preenchidos 14 questionários.

Visando que esses dois discentes respondessem ao questionário, eu iria ter aplicado o mesmo às sete turmas que seriam envolvidas no processo da coleta dos dados. Então, ela disse que tinha entendido. Mas em seguida, ela antecipou, dizendo: *“Olha... Eu vou te dar a minha opinião: eu conheço bem os alunos de todas as turmas, e, eu não te aconselho a passar esse questionário em todas as turmas, não!”*(Nesse momento fiquei pensativo e, conversando comigo mesmo, eu disse: *“Meu Deus do céu... E agora? Como é que eu vou fazer?”*) e continuamos em direção a sala. Antes de entrar ela disse que das sete turmas, tinha duas que ela não me aconselharia a passar o questionário, por que ela sabia que os alunos iriam responder de qualquer jeito, e poderia prejudicar o meu trabalho.

Chegando na sala, a professora entrou e deu boa tarde aos alunos. Arrumou seu material na mesa e me apresentou, disse que eu estava fazendo uma pesquisa

para o trabalho de conclusão de curso e que eu precisaria de alguns alunos que quisessem participar da pesquisa.

Logo após a sua fala, ela me disse para falar um pouco sobre o meu trabalho. E eu falei. Ela novamente me perguntou de quantos alunos eu precisaria para responderem ao questionário. Eu pensei no que ela tinha me falado e fiz uma nova redistribuição de pessoas por turma. Entendendo que eu teria duas turmas a menos, seriam menos quatro pessoas. Então fiz da seguinte forma: iria fazer com que três pessoas de quatro turmas respondessem ao questionário, resultando em um total de 12 questionários respondidos. E, no caso da última turma a responder ao questionário, eu só iria pedir para mais duas pessoas preenche-los, totalizando 14 questionários preenchidos.

Então, disse que precisaria de três alunos. Ela perguntou para três pessoas se elas queriam responder o questionário, e esses alunos aceitaram. A professora pediu que respondessem com sinceridade, porque esses dados seriam importantes para o meu trabalho.

Fomos para a biblioteca, para que eles respondessem ao questionário. Já no local mostrei a carta de apresentação sobre o trabalho e o termo que eles tinham que assinar, relatando que eles estavam participando da pesquisa por livre e espontânea vontade. Cada um pegou os dois documentos e foi ler. Depois de uma leitura rápida, assinaram ao termo. Logo após terem assinado o termo, passei o questionário para eles e disse que se tivessem alguma dúvida era só me chamar que eu poderia explicar para eles. Com isso, eles começaram a responder o questionário.

Passado alguns minutos, eles foram terminando de responder e me entregaram os papéis preenchidos. Ao término de tudo, entreguei a cópia do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), e a carta de apresentação sobre a pesquisa.

Eles saíram para retornarem a sala de aula e eu fiquei na biblioteca arrumando os documentos na pasta. Em seguida, chega um grupo de alunos da mesma série (Primeiro Ano "A"). Do grupo, uma menina pediu que eu respondesse algumas perguntas que a Professora 2 tinha passado, para que eles procurassem alguém para respondê-las.

Respondi as perguntas que eram relacionadas à dança. Algumas perguntas eram: (A) *Você gosta de dançar?* (B) *Dança frequentemente?* (C) *Quem tanto na sua família dança?* Além dessas, tinham outras perguntas. A forma mais simples a ser utilizada para que vários alunos respondessem aos questionários ao mesmo tempo seria da seguinte maneira: Imaginei de sair nas turmas (que estavam presentes no período matutino), para pedir aos outros professores que deixassem alguns alunos saírem para responderem ao questionário, e assim aplicá-lo de uma só vez. Depois de ter pensado nessa possibilidade, resolvi não fazê-la. *Por que não fazer dessa maneira?* Primeiramente, eu não tinha comunicado a coordenação e nem aos professores, então eu de certa forma, não quis atrapalhar a aula dos outros professores. Pensando nisso, optei por aplicar os questionários apenas nas aulas de artes, pois já tinha conversado com a professora da disciplina, e pra mim era o certo a se fazer.

Depois da aula na turma do Primeiro Ano “A”, a Professora 2 se encaminhou para a outra turma, o Primeiro Ano “B”. Seguindo a sugestão dada pela Professora 2, nesta turma não seria aplicado o questionário. Durante a aula, a professora disse que os alunos seriam divididos em grupos para cantarem músicas de ritmos como o forró, sertanejo, dentre outros. Após explicar o que seria feito, a Professora 2 passou a mesma atividade que tinha passado na turma anterior, que era a entrevista com as perguntas sobre a dança. Nessa turma, ela fez de maneira diferente: deixou todos os alunos na sala e disse que era para que eles entrevistassem aos colegas da própria turma. Essa era a última aula no período da tarde.

Nessa turma pude perceber que ela deve ser uma das que mais dão trabalho para os professores. Digo isso porque, durante a aula, tiveram alguns alunos que passaram o horário da aula quase todo fora da sala. Só voltaram na hora de fazer a atividade.

Ao término da aula, já me informei com a Professora 2 a respeito dos próximos horários das turmas do período noturno. Ela, então, me passou os horários e me disse que as turmas atuais estavam gerando problemas, “dando muita dor de cabeça” para a escola. Não disse que era aquela turma, de forma mais clara: no entanto, depois desse desabafo, entendi melhor a situação que ela se referia.

À noite, retornei a escola. A turma em que eu apliquei os questionários foi a de Primeiro Ano “C”. Nessa turma, a maioria dos alunos mora nos projetos de

assentamentos (P.A.). Por morarem em locais mais distantes, eles perdem muitas aulas, principalmente quando o transporte que é fornecido a eles quebra durante o trajeto. Em consequência disso, esses alunos passam dias sem pisarem na escola. A professora relatou que eles são bastante prejudicados, por conta de tais acontecimentos.

Ao entrar na sala, a professora cumprimentou os alunos e já foi falando sobre mim e o que eu iria fazer. A Professora 2 perguntou a três alunos se eles queriam participar da pesquisa, e eles aceitaram. Saímos da sala em direção a biblioteca, e na ida já fui adiantando algumas coisas para eles. Ao chegarmos, entreguei a carta de apresentação do trabalho e o termo, para que eles lessem. Passados alguns minutos, eles assinaram ao termo, concordando em participar da pesquisa. Expliquei aos alunos que, se tivessem alguma dúvida, eles poderiam me perguntar que eu os ajudaria a entender.

Tirei os questionários da pasta e entreguei para os três que ali estavam sentados esperando. Entreguei o questionário a cada um, e eles logo começaram a responder. Esses alunos demoraram mais que os outros para responderem ao questionário. Quando terminaram de responder ao questionário, me entregaram. Pegaram sua cópia do termo e a carta para retornarem a sala de aula.

Depois que terminei de organizar os papéis, ao sair da biblioteca, tocou a sirene, sinalizando que começaria o próximo horário. Acompanhei a Professora 2 até a sala de outra turma. Ela entrou e falou com os alunos. Disse a eles para irem logo tomar água ou irem ao banheiro e se arrumarem, para que os grupos se organizassem e então fazerem as apresentações das danças. Ao falar isso aos seus alunos, a professora disse para mim que, naquela turma, o Segundo Ano “B”, era bom que eu fizesse só a observação da aula. Então, eu concordei com ela e já imaginei que essa seria a outra turma que ela tinha mencionado antes¹⁵.

Alguns alunos voltaram depois de quase 7 minutos fora. Outros permaneceram em sala. Logo a Professora 2 chamou a atenção dos alunos. Falou aos mesmos que eu estava fazendo um trabalho da graduação e faria uma

¹⁵ A professora 2 me orientou a não trabalhar com todas as turmas do e.m, e sim apenas com algumas turmas, pois entre todas elas, algumas eram mais difíceis de lidar do que outras. Dessa forma trago o relato da professora 2 me aconselhando: *“Olha... Eu vou te dar a minha opinião: eu conheço bem os alunos de todas as turmas, e, eu não te aconselho a passar esse questionário em todas as turmas, não!”*

observação na turma deles. Depois dessa breve fala, disse para os grupos já ficarem preparados, para fazerem as suas apresentações.

Antes de começar, perguntei a ela que tipo de apresentação fariam. Ela me disse que as apresentações seriam de danças, onde os grupos formados pelos alunos dançariam com os ritmos escolhidos por eles.

Durante as apresentações, a maioria dos alunos participaram. Essas apresentações fizeram relação à aula sobre as danças regionais, que a Professora 2 tinha dado antes. Para as apresentações, a proposta foi que os alunos se dividissem em grupos e escolhessem um ritmo para dançarem, sendo essa apresentação uma atividade valendo nota.

Nesta turma houve as apresentações de 5 grupos, porém as mesmas tomaram a aula toda. A demora aconteceu porque os alunos estavam passando bastante tempo para colocarem as músicas, e estava uma bagunça. Tiveram diversos ritmos apresentados, como o Funk, o Brega funk, o Forró, a Pisadinha e o Hip hop.

A Professora 2 até tentava organizar, mas os alunos achavam algumas desculpas e acabavam enrolando o tempo todo. Mesmo tendo esses contratempos, todos os grupos apresentaram, conseguindo então que a professora desse a sua nota para eles.

A aula seguinte seria na turma do Segundo Ano "A". Nessa turma, a Professora 2 pediu para que eu ficasse em sala para assistir as apresentações da turma, assim como tinha acontecido na turma anterior (Segundo Ano "B"). Como nesta turma tinha poucos alunos presentes, daria tempo de eles se apresentarem para receber a sua nota, e logo depois da apresentação eu poderia levar os três alunos para responderem ao questionário. Com isso, tive tempo para observar o que aconteceria na aula.

Aderindo à proposta das apresentações, a turma do Segundo Ano "A", se mostrou mais organizada e rápida para a execução das apresentações na sala. Nessa turma tinha menos alunos que na anterior. Assim como na turma passada, nessa também tiveram diversos ritmos apresentados, tais como o Axé, o Forró e a Pisadinha. Durante as apresentações, a professora disse que essa era a turma que mais se empenhava para fazer apresentações na escola (como, por exemplo, fazer peças teatrais). Na turma, todos os grupos apresentaram.

Quando todos os alunos terminaram de se apresentar, a Professora 2, como sempre fez nas turmas anteriores, perguntou para três alunos se eles queriam responder ao questionário, e explicamos do que se tratava para eles. Logo saímos para a biblioteca para que eles iniciassem o preenchimento do questionário. Entreguei a carta e o termo para que eles lessem, e se concordassem em participar, partiriam para o preenchimento das assinaturas e depois para o questionário. Depois da leitura, os alunos assinaram aos termos. Entreguei a eles e lhes disse que, se precisassem de ajuda, eu estaria ali para tirar as dúvidas. Em seguida eles começaram a responder o questionário. Passou alguns minutos e percebi que eles já estavam na metade. Não demorou muito e eles já estavam concluindo. Ao receber as questões já respondidas, entreguei a eles as duas outras folhas, a carta e o termo (TCLE).

Eles saíram e logo depois chegaram outros três alunos da mesma turma. Cumprimentaram-me e um deles perguntou se eu iria entregar para todos os alunos responderem. Então, expliquei para ele que não tinha como fazer com todos os alunos pelo acúmulo de dados, e o tempo que estava bem corrido. Ele disse que tinha entendido e saiu. Continuei arrumando os papéis na pasta para ir finalmente para a última turma daquela noite (já estava pulando de felicidade, por dentro, pelo fato de que, no começo da coleta dos dados, ter dado errado. Ainda não estava nem perto de concluir tudo, mas me senti meio aliviado, e segui).

A última turma da noite era a do Segundo Ano "C". Antes de entrar em sala, a professora disse que já iria chamar logo os três alunos para responderem ao questionário. Entramos na sala, e ela já pediu para que turma organizasse os grupos para as apresentações. Perguntou a três alunos se eles estavam interessados em participar. Vi que um dos alunos ficou um pouco desconfiado, mas também aceitou. Saímos para a biblioteca. Ao chegar, avisei que eu iria entregar um documento para que eles lessem, e se quisessem realmente participar, que eles o assinassem. Caso não se interessassem em participar, era só avisar que eu procuraria outras pessoas que quisessem. Em seguida começaram a leitura. Minutos depois, ao terminarem de ler, cada um pegou a caneta e assinou o seu termo. Ao devolverem o termo, em seguida, entreguei para eles os questionários. Repeti que se eles tivessem dúvidas, poderiam me perguntar que eu os ajudaria a entender.

Passados alguns minutos, chegou uma aluna na biblioteca e disse que a Professora 2 estava me chamando para assistir as apresentações. No entanto, eu preferi ficar na biblioteca e esperar pelos alunos, pois não sabia se eles não precisariam da minha ajuda. Alguns minutos depois, uma aluna que estava respondendo ao questionário foi a primeira a terminar. Achei estranho, então verifiquei e ela tinha respondido a todas as perguntas. Logo um dos seus colegas falou que ela ainda iria fazer a sua apresentação. Os outros dois continuaram respondendo.

Em certo momento, vi que eles já estavam finalizando. Ao receber os questionários, entreguei os documentos para eles, em seguida eles dirigiram-se para a sala de aula. Continuei colocando os papéis na bolsa para voltar para a sala e ver as apresentações que ainda tinham. Sai da biblioteca e fui imediatamente para a sala.

Ao chegar, a professora disse que já tinha perdido as melhores apresentações. Então disse a ela que eu não poderia deixar os alunos sozinhos respondendo ao questionário, porque eles poderiam precisar da minha ajuda, e era o meu dever ficar lá até que todos eles terminassem de responder tudo. E assim eu fiz.

Durante a pesquisa, tive alguns imprevistos: num deles, me surgiu a oportunidade de ser espectador de algumas apresentações em que a professora 2 me convidou para que assistisse. Mas em certos momentos da pesquisa tive que tomar decisões: logo, diante do convite feito pela professora para ver as apresentações, optei por ficar com os alunos que estavam respondendo aos questionários, uma vez que as duas atividades aconteceram ao mesmo tempo em locais diferentes (e a minha prioridade era finalizar a etapa da coleta de dados dentro do pouco tempo disponível).

Ainda vi uma apresentação da turma, onde os alunos estavam dançando. Como já estava no final da aula, os alunos já estavam bem agitados para irem embora, e estavam fazendo bastante barulho.

Depois da última apresentação, fui até a professora 2 para saber o que estava programado para a próxima semana. Logo ela me avisou que na próxima semana, a partir de quinta-feira, já iniciaria o período das provas. Por essa razão que ela possibilitou que eu fizesse observações em algumas aulas.

No entanto, ainda faltava aplicar o questionário para mais uma turma. Perguntei se ela poderia deixar dois alunos da turma do 3º ano único, saírem na quarta feira durante a aula de sociologia, e ela me respondeu que sim.

Na semana seguinte, em uma quarta feira à noite, já na escola procurei a Professora 2 para que ela liberasse os dois alunos do Terceiro Ano. Logo que a sirene tocou, ela entrou na sala de aula e chamou dois alunos para responderem as perguntas, e disse para eles que era para levar as coisas a sério. No percurso até a biblioteca, aproveitei e falei um pouco sobre a minha pesquisa para não perdermos tempo.

Já na biblioteca, entreguei a carta e o termo (TCLE), para que eles lessem e assinassem, caso concordassem com a pesquisa. Eles assinaram ao termo e à cópia, rapidamente entreguei os questionários aos mesmos, e eles iniciaram o preenchimento. Passados alguns minutos, chegaram outros três alunos da turma do 3º ano perguntando o que os colegas estavam fazendo. Eles responderam que estavam respondendo um questionário para uma pesquisa. Perguntaram para mim porque não havia chamado eles para responderem também, expliquei que não daria para passar o questionário para muitos alunos por causa do acúmulo de dados, e tinham que fazer com todas as turmas, por isso, estava com um número de alunos reduzido. Mas logo eles falaram que queriam mesmo era sair da sala, porque a aula estava muito chata.

Durante todas as aplicações de questionários, ao terminarem a mesma, agradei a todos os participantes da pesquisa.

3.1 Amostragem e Análise de dados

Quando eu estudava na E.E.D.U.G, achava as aulas de Artes boas, mesmo não gostando tanto de escrever. Sempre gostei das aulas, pois naquela época, eu via e achava as aulas de Artes muito fáceis, principalmente se fôssemos comparar com outras disciplinas. Nós não tínhamos preocupações com cálculos, ter que fazer redação, não líamos textos para interpretar e etc. Achava-a uma matéria maravilhosa. O maior trabalho na disciplina, às vezes, era ter que decorar os nomes de quadros, pintores, as cidades e as datas que eram importantes.

Com todos os três anos foram assim: era a explicação, passava umas atividades, escrevia textos e no final dos semestres era a prova. Não tinha muita novidade.

Para o início da análise dos dados, temos em mente a relação dessa declaração que eu mesmo faço, onde apresento uma breve exposição das minhas experiências em relação à forma como eram as suas aulas de Artes antes. A proposta da análise de dados é procurar compreender como os alunos do Ensino Médio veem a mesma disciplina de Artes nos dias atuais.

A partir dessa proposta, foi montado um questionário semi estruturado com oito perguntas, a respeito da relação que eles têm com a Arte no Ensino Médio.

Na primeira pergunta, tentei perceber se esses alunos acham a arte importante e como é a visão da mesma em suas vidas. A pergunta feita para abrir a análise foi: A arte é importante na sua vida? Por quê? Os alunos a partir dessa pergunta, responderam da seguinte forma:

K¹⁶- Sim, porque a arte na nossa vida não é só uma disciplina e sim pinturas dentre outros aspectos;

E- Sim, porque ela faz ver o mundo de forma diferente, mais alegre;

J- Sim, podemos aprender e conhecer coisas diferentes, ver o mundo de outra forma. (respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Sim, através dela que conseguimos fazer as coisas precisamos dela em tudo;

G- Arte proporciona coisas que outras não proporcionaram, saber sobre artistas, o jeito de fazer suas artes e quem foram seus inspiradores;

T- Sim, porque demonstra expressão das pessoas e como as pessoas se expressam através da arte. (respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Sim, porque nela tem coisas importantes como pintura, gravura e outras coisas;

J- Sim, porque a arte é algo que vem de dentro é inspirado em algo;

A- Sim, tudo que fazemos se transforma em uma arte de saber fazer algo.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Mais ou menos, porque em questão do desenho é muito ruim, mas as atividades eu respondo;

S- Sim, porque ela ensina muitas coisas novas, tipo dança;

R- Sim, a arte faz parte do cotidiano das pessoas, elas precisam saber pintar e desenhar.(respostas dos alunos do 2º ano - C)

¹⁶ Os participantes K, E, Í, G, T e os demais foram representados dessa forma para resguardar a identidade dos mesmos.

M- sim, por que é importante que as artes lembra da antiguidade, mostra as fotos, imagem e desenho bonito que as pessoas não tinha visto;

H- sim, porque a arte não vem só desse século, mas de alguns séculos atrás e também ela traz pessoas que ficaram famosas através da arte. (respostas dos alunos do 3º ano)

Analisando as respostas, percebi que alguns alunos trazem uma visão diferente a respeito da importância da Arte na suas vidas. A resposta da aluna (E) chama a atenção por ela relatar que a Arte é importante porque faz o mundo ser visto de uma forma diferente. Outro aluno (G) diz que a importância da arte se justifica pela possibilidade que a disciplina tem de apresentar elementos que outras disciplinas não conseguem, e ainda relata que a arte se mostra importante pela possibilidade que as pessoas têm de se expressarem através da mesma. Pensando na importância da arte a partir do posicionamento encontrado nas respostas obtidas, Lavelberg (2003) ressalta que “a arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos”, (p.9). Essa afirmação mostra que, para a disciplina de artes, é necessário um suporte muito amplo e diversificado de recursos para a articulação do que seja inerente ao conhecimento dessa área, de modo que saberes e fazeres sejam minimamente contemplados no ambiente escolar, equiparada às demais disciplinas numa garantia de reconhecimento.

Seguindo com as questões, a segunda pergunta foi feita desta maneira: O que você acha da disciplina de artes? Justifique sua resposta. Logo os alunos responderam dessa forma:

K- Legal, podemos aprender coisas que nos deixam felizes, arte também é música;

E- É muito interessante de se estudar quando compreendemos, nos faz ver as coisas com outros olhos;

J- legal e interessante, pois conhecemos e aprendemos coisas novas e diferentes.(respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Maravilhosa e fundamental, se vamos desenhar iremos usá-la;

G- Muito legal aprendemos várias coisas. Arte não é só pintar e desenhar é muito mais que isso. Conhecer um pouco sobre obras de artes e seus criadores;

T- Legal, porque demonstra idealizadores da arte que também são inventores.(respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Boa, pois encontro várias coisas importantes, como temas de coisas que eu não sabia;

J- Bem interessante, tem várias coisas dentro dela que fazem parte da arte, não é apenas um desenho ou uma obra, é algo mais;

A- Boa, com ela conhecemos várias coisas novas.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Muito boa, porque é bastante fácil e boa de dar;

S- Uma matéria de incentivo, por que mostra o que é a arte de verdade;

R- É uma disciplina legal, às vezes chatas, mas os alunos aprendem mais.(respostas dos alunos do 2º ano - C)

M- Acho muito boa, porque as pessoas descobrem cada imagem que nunca pensava que existia, e que nós não iríamos ver;

H- A disciplina tem suas vantagens e desvantagens, por exemplo, tem elementos nas artes que marcaram o mundo tanto na Jovem Guarda como em outras etapas.(respostas dos alunos do 3º ano)

Nessa segunda questão há várias respostas, o participante (J), coloca que a disciplina de arte é interessante, pois possibilita que ele conheça coisas novas e diferentes. Mas uma das respostas que mais me chamou a atenção, foi a da aluna da turma de Segundo Ano C, que está identificada como “M” (onde a mesma diz que acha a disciplina de arte boa porque é uma matéria fácil). Diante da resposta dada pela a aluna (M), faço a observação de que essa aluna dá a entender, pela sua resposta, que vê a disciplina de Artes da mesma forma como eu pensava no período em que frequentava ao Ensino Médio: nesse período, eu achava a disciplina de arte “fácil”, uma vez que a mesma não exigia tanto de mim quanto as outras disciplinas que tinha naquele período.

Para a terceira questão, busquei saber se aulas de artes dão algum prazer para os alunos. Disso a questão foi apresentada da seguinte maneira: A aula da disciplina de artes te traz algum prazer? Por quê? As respostas para essa questão foram as seguintes:

K- Sim, ao fazer trabalhos com cores, resumos de artes isso me traz inspiração;

E- Sim, dependendo da forma que é dada acalma, faz pensar nas coisas que a arte proporciona;

J- Sim, porque vemos um mundo diferente, outra forma de pensar, sentindo mais prazer em estudá-la. (respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Traz vários, aprendemos novas culturas dentre outras coisas;

G- Tem horas que sim que horas que não, mas no contexto geral é boa;

T- Algumas vezes quando ela mostra grandes inventores e como eles eram inteligentes.(respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Sim, alguns temas trazem lembranças do passado;

J- Sim, porque é uma expressão que traz orgulho para os artistas;

A- Sim, conhecemos coisas que não sabia que existia.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Sim, porque me ajuda a aprender mais;

S- Sim, porque nela ensinam muitas coisas que as outras matérias não mostram;

R- O estudo, porque tem muitas matérias chatas e Arte é para relaxar a mente.(respostas dos alunos do 2º ano - C)

M- Não, porque ela faz gostar e desgostar da arte, por que não queria ver coisas, como fotos;

H- Não, porque a arte é estudada de várias formas diferentes e por enquanto nenhuma dessas formas de estudo me agradou.(respostas dos alunos do 3º ano)

Dentre as respostas, o participante (Í), coloca que as aulas trazem vários prazeres, porque através dela eles conhecem e aprendem sobre outras culturas e mais coisas. O participante (H), diz que não sente prazer nas aulas de artes, porque segundo ele, a arte é estudada de várias formas, e nenhuma das formas que são apresentadas nas aulas lhe agrada.

A seguinte pergunta é sobre como os alunos acham que pode ser a ampliação dos seus conhecimentos na disciplina de Artes. A pergunta é a seguinte: Você acha que as aulas de arte possibilitam a ampliação do seu conhecimento, a respeito dessa matéria chamada “Arte”? O que você pode comentar sobre isso? Diante desta pergunta, os alunos apresentaram as seguintes repostas:

K- Sim, pois ver algo sobre isso faz a gente aprender;

E- Sim, pois nos leva a pensar como era naquele tempo os artistas e as obras;

J- Sim, me faz ter um novo conhecimento e outras formas de pensar.(respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Possibilita ao nos mostrar novas culturas novas variações e diversidade;

G-Sim, porque vamos aprender ou saber sobre artista e outras coisas que se aplica como arte;

T- Sim, falamos de obras e invenções criadas que usamos hoje e talvez não saberíamos se não fosse a arte.(respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Uma matéria que traz conhecimento e lembranças, uma mistura de emoções;

J- Sim, mostra coisas que não tinha conhecido e inspira muito;

A- Sim, estou descobrindo muita coisa nova sobre estilos de dança e culturas.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Sim, me ajuda a compreender mais sobre a arte;

S- Sim, ensina os conceitos de arte, o que são as pinturas e as danças de todos os gêneros;

R- Sim, ensina grandes coisas de artistas famosos.(respostas dos alunos do 2º ano - C)

M- Sim, ela nos ajuda muito no nosso conhecimento vamos desenvolvendo mais a cada dia;

H- Ela só aumenta o conhecimento de coisas de outro século, como a Monalisa, Abaporu e obras que ficaram famosas nas artes.(respostas dos alunos do 3º ano)

Diante das respostas obtidas com os participantes da pesquisa, algumas delas dadas por eles, mostram que eles estão descobrindo coisas novas. O participante (Í), relata que a disciplina está possibilitando que ele conheça através dos conteúdos novas culturas. Pelo que pude perceber, esses alunos estão recebendo conteúdo que os deixa empolgados. O participante (A), através da sua resposta, mostra que eles estão tendo um contato bem interessante, uma vez que o mesmo diz que as aulas estão possibilitando que ele descubra conteúdo novo, como os estilos de danças e reafirmando a fala do participante anterior, sobre estar conhecendo novas culturas. Diante dessa situação a autora Lavelberg (2003 p.12) relata que “o interesse por arte pode ser criado nas aulas, não sendo necessário que o professor parta do interesse do aluno, mas que considere suas motivações internas e culturais [...]”. Com base nessas respostas, posso afirmar que por parte, esses alunos estavam tendo contato com dança, pois foi o que ocorreu nas turmas dos 2º anos. Em todas essas turmas eu tive a oportunidade de ver um pouco das suas apresentações de atividade prática.

Seguindo, a próxima pergunta foi em relação, a saber, o que esses alunos gostariam de ter nas suas aulas de arte. A pergunta foi formulada da seguinte maneira: O que você gostaria que tivesse nas aulas de artes? As respostas que os participantes deram foram:

K- Quadros que pudéssemos sentir e poder apreciar essas pinturas;

E- Mais empolgação, uso de música;

J- Materiais diferentes para ter vontade de estudar, ter artistas/professores diferentes e uma aula mais divertida.(respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Aulas diferenciadas, tipo gincana;

G- Mais interação colocar os alunos para fazer escultura e expor na escola;

T- Aulas práticas com invenções, pinturas para aprender além da história.(respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Desenhos para colorir;

J- Aulas práticas como de teatro, obras de arte que poderíamos fazer;

A- Que fossem mais aulas práticas do que teóricas.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Mais as aulas teóricas e também às vezes práticas;

S- Mais aulas práticas para entender o aprendizado;

R- Brincadeiras para relaxar a mente do aluno. (respostas dos alunos do 2º ano - C)

M- Que tivesse aula explicando mais sobre o assunto que ela vai debater com os alunos, ir à sala de vídeo assistir sobre artes;

H- Discussões sobre quadros, pedir opiniões de como essa obra ficou conhecida, o que ela tem de especial e o que ela representa para o mundo.(respostas dos alunos do 3º ano)

As respostas mostram bem o que esses alunos gostariam de ter ou fazer em sala. Na maioria das respostas dadas, aparecem o pedido de aulas práticas. O participante (E), diz que gostaria que tivesse música nas suas aulas. O participante (J), gostaria que tivesse aulas de teatro e que eles pudessem fazer obras de arte. Observando as respostas, vejo que algumas coisas o professor poderia fazer nas aulas, mas têm outras que não depende só dele. Vejo como é interessante algumas respostas, revelando dessa maneira o perfil que temos de uma parte dos alunos que participaram da pesquisa.

A seguinte pergunta tem como objetivo saber dos participantes como eles querem que o professor de artes se mobilize no ambiente escolar. Com esse objetivo, a pergunta foi feita deste modo: Como deveria agir, na sua opinião, o professor de artes, na sua escola? Dessa forma, recebemos as seguintes respostas:

K- Com vontade e trazer algo que dê animação para os alunos;

E- De forma espontânea, dá aulas com mais empolgação;

J- Com mais empolgação, alegria, trazer matérias novas, fazer coisas diferentes.(respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Alegre sempre em busca de novas coisas para os alunos;

G- Ser descontraído, não colocar apenas para escrever, mas proporcionar outras coisas tipo escultura ou coisa parecida;
 T- Pedir para fazer um trabalho valendo ponto sobre a arte.(respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Normalmente, com temas para aula como pintar com tinta e fazer algumas criatividadees;
 J- Como um verdadeiro artista, apresentar coisas novas;
 A- Deveria incentivar mais os alunos a praticar a arte.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Normal;
 S- Do jeito que está;
 R- Incentivar os alunos a estudar. (respostas dos alunos do 2º ano - C)

M- Deveria saber mais sobre aquilo que ele está fazendo em artes, se informar mais, para quando um aluno perguntar alguma coisa;
 H- Deveria se aprofundar mais nos conceitos, não deixando dúvidas e curiosidade responder logo.(respostas dos alunos do 3º ano)

Dentre as respostas obtidas, o que os participantes mais colocaram foi o pedido de aulas em que o professor tivesse mais empolgação e vontade. O que uma boa parte também cobra é que o professor leve ou proporcione aos alunos coisas novas. O que se pode imaginar é que essas coisas novas provavelmente, seja algo relacionado à mudança da realidade que os alunos estão tendo em sala. Diante dessa possibilidade, coloco como exemplo a minha formação na graduação, onde nos formamos tanto dentro da sala de aula, como fora dela também. Por essa razão acredito que essa seja umas das possibilidades que se encaixem a essas coisas novas que os alunos tanto cobram.

A próxima pergunta vem em busca de saber, como esses alunos querem ou gostariam que fossem as suas aulas de artes. Em busca das respostas, a pergunta foi formulada da seguinte maneira: Como deveria ser, na sua opinião, a aula da disciplina de artes, na sua escola? As respostas dadas pelos participantes foram às seguintes:

K- ter aprendizado tanto teórico como prático;
 E- Tem mais música, ter mais empolgação, ser realista no assunto;
 J- ambiente que as pessoas tivesse contato com arte, interagir com a matéria, ter artista em contato com os alunos.(respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Aulas que variassem uma vez ou outra, o professor poderia ser inovador;

G- Aula descontraída fora da escola e conhecer as artes que tem no Município;

T- Apenas pedir aulas práticas. (respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Mais divertida e criativa;

J- Com mais coisas interessantes, obras de arte;

A- Divertida, proveitosa com produções artísticas.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Com atividade e algumas práticas;

S- Do jeito que está;

R- Pintar, leitura e dinâmica na sala.(respostas dos alunos do 2º ano - C)

M- Mais criativa, explicando mais os assuntos de artes e que as pessoas possam entender;

H- Na aula de artes tem que ser aulas teóricas mesmo, que as práticas não tem muito que fazer não.(respostas dos alunos do 3º ano)

Essa pergunta foi uma das mais importantes, se analisarmos as respostas dadas pelos participantes, podemos logo ver que elas vão fazer uma ligação ao que foi colocado como possibilidade nas respostas da pergunta anterior. Isso significa que esses alunos têm o interesse de conhecer conteúdos novos, mas também mostra o interesse dos mesmos em conhecer o que tem de arte no próprio município. O participante (G), coloca que *“a aula poderia ser fora da escola, e também que eles pudessem conhecer as artes que tem no município”*. É importante ver o interesse desses alunos em conhecer a sua própria criação artística. Diante dessa afirmação outro participante identificado como (J), relata que queria *“nas aulas, um ambiente em que as pessoas (alunos) pudessem ter contato com arte, e que eles tivesse artista em contato com os alunos”*. O participante (E), acaba afirmando que os conteúdos trabalhados deveriam ser mais realistas. Dessa forma, podemos crer que o que possivelmente está sendo trabalho nas aulas, não condiz com a realidade dos alunos.

A última pergunta feita nos questionários, visa saber o que os alunos gostariam de conhecer em relação à arte. Com isso, a pergunta foi apresenta assim: O que você gostaria de saber/ver/conhecer, em se tratando de Arte? Os participantes responderam que:

K- Saber de tudo sobre artes;

E- Aulas diferentes como teatro, vídeos e obras;

J- Teatro, ambiente próprio para arte, que tivesse artistas no ambiente escolar.(respostas dos alunos do 1º ano - A)

Í- Mais sobre culturas e tradições dos povos, às vezes ler gibis ou livros.

G- Como os artistas conseguiram fazer suas artes, quem foi que os inspirou a ser artista.

T- As obras de Leonardo da Vinci e suas invenções.(respostas dos alunos do 1º ano - C)

G- Conhecer uma galeria e exposições de arte;

J- Saber mais de artes, dos artistas, ver mais obras e histórias da arte.

A- Conhecer mais da origem da arte do passado.(respostas dos alunos do 2º ano - A)

M- Desenhos;

S- Os conteúdos passados são interessantes contam e mostram o sentido da arte de verdade.

R- Alguns artistas famosos.(respostas dos alunos do 2º ano - C)

M- Eu gostaria de ver mais coisas sobre a arte, saber como ela chegou, conhecer o significado de gravuras e saber de fotografia.

H- No momento o que me interessa em artes são só os quatro porque os artistas não me interessam muito.(respostas dos alunos do 3º ano)

Os participantes colocam que gostariam de conhecer muitas coisas relacionadas à Arte, e não apenas saber, mas possivelmente praticar coisas novas. O participante (E) e (J), ambos, colocam que gostariam de ter aulas de teatro. Um deles diz que queria ter um espaço próprio para praticar arte, a outra relata que gostaria que tivessem artistas na ambiente escolar.

Outro participante o (G), relata que gostaria de conhecer sobre as tradições e culturas de outros povos. Vejo essa colocação como sendo pertinente, pois pelo o que esse aluno coloca, provavelmente o que ele viu ou não, não está atendendo ao que ele gostaria de saber sobre as culturas e as tradições dos povos, como ele mesmo relata.

Nas duas últimas questões, os participantes se mostraram bastantes interessados em conhecer mais sobre a arte, colocando a importância de se conhecer o que se produz a respeito dessa temática na comunidade. Dessa maneira, Lavelberg (2003) ressalta a importância da arte para a formação humana, e afirma que:

A arte constitui uma forma ancestral de manifestação, e sua apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural. Privar o aluno em formação desse conhecimento é negar-lhe o que lhe é de direito. A participação na vida cultural depende da capacidade de desfrutar das criações artísticas e estéticas, cabendo à escola garantir a educação em arte para que seu estudo não fique reduzido apenas à experiência cotidiana (IAVELBERG, 2003, pp. 09-10).

Com base nessa afirmação, vejo que é preciso repensar algumas questões no ensino da arte, visando principalmente valorizar a cultural existente nas comunidades. É importante proporcionar que os alunos conheçam a sua cultura, e assim possam garantir o reconhecimento das suas próprias identidades: o professor tem a responsabilidade de ensinar seus alunos sobre a sua cultura, pois é um direito deles.

4 PROJEÇÕES

Para este capítulo, me baseio em algumas perguntas que foram concebidas de acordo com as situações surgidas durante esse período do Ensino Médio até a Graduação. Desta forma apresento as mesmas para dialogar com este capítulo:

- *O que irei desenvolver diante daquilo que constatei em observação do E.M (no entendimento de que, o que observei, é muito próximo ao que vivi)?*
- *Como atuarei, enquanto Educador do Campo, para mudar esse panorama?*
- *Como é que eu, diante de uma realidade precária, faço com que o meu aluno tenha acesso ao que eu tive?*

Todo o processo de formação é de extrema importância, para que se tenham uma boa qualidade no ensino. Dentre as fases de construção desse tal processo, primeiramente tenho que me preparar para ser um bom profissional, para depois trabalhar com a arte na escola, comunidade e outras instituições se possível. Sei que não é uma tarefa fácil, mas acredito no meu trabalho e na minha capacidade para mostrar elementos (coisas) que tive acesso, durante a minha formação acadêmica que, futuramente, irá interessar e ajudar na construção do conhecimento dos meus futuros alunos.

Diante disso, destacam os autores Molina e Mourão Sá (2011, apud Almeida 2016), que “a finalidade das Licenciaturas em Educação do Campo é formar profissionais capazes de dirigir e gerir processos educativos escolares e comunitários e atuarem em áreas específicas do conhecimento” (p.88).

A arte, dentro do Curso de Educação do Campo possibilita que “os professores do futuro” (Nós, Discentes em formação) trabalhem com realidades e culturas diferentes. Temos como exemplo, nossas experiências com os colegas Indígenas, quilombolas, Assentados, Acampados, Ribeirinhos, Pessoas da Zona Rural e Urbana. Trabalhar com essas diferentes culturas e pessoas faz com que tenhamos mais bagagem, que tenhamos mais conhecimento para estar com essas populações, e possam até nos ajudar para atuarmos nessa área. Essas experiências enriquecem a nossa formação, e proporcionam que tenhamos um melhor

entendimento a respeito dessas culturas. Nesse contexto, Lavelberg (2003) relata que:

Aulas e experiência de vida não podem ser dicotômicas. As vivências culturais e o universo de experiências do professor encontrarão motivação para ampliar o universo correlacionando-o com as aprendizagens escolares. Dessa forma, poderá trazer, para a sala de aula, tanto o contexto da cultura dos jovens estudantes como os conteúdos universais. Não se trata de caminhar do mais simples para o mais complexo, e sim de relacionar o contexto de vida e a experiência dos alunos com os conteúdos escolares (IDEM, p. 62).

Nessa situação, vejo a importância de trabalharmos em nossa área de formação, com o objetivo de melhorar o ensino da educação em todas as escolas (especialmente, as do Campo), principalmente se pensamos no ambiente rural/do Campo, pois essas são as que têm prioridade, segundo a formação que escolhemos. Nessa relação à situação das escolas do campo, Rejane Cleide Medeiros de Almeida (2016) ressalta que:

A viabilização de formação superior específica teve como pretensão promover a expansão da oferta da educação básica nas comunidades rurais; o atendimento à demanda apresentada no campo, local em que há carência de professores qualificados para o ensino de diversas áreas, incluindo-se artes visuais e música; auxílio à superação das desvantagens educacionais, observando os princípios de igualdade e gratuidade quanto às condições de acesso. (ALMEIDA, 2016, p. 47)

Acredito que a proposta para a formação desses professores pode mudar a situação em que a educação se encontra nos dias atuais, desde que sejam contempladas todas as linguagens artísticas, a saber: artes visuais, música, dança e teatro. Mas não podemos deixar de lembrar que, mesmo com a oportunidade para a formação desses profissionais, isso não garante que eles irão trabalhar no campo, comprometidos com os princípios de sua formação.

A vida de educador não é fácil, principalmente se for voltada a área das artes. As escolas não têm como disponibilizar materiais para trabalhar de uma/outra forma (prática). São muitos os fatores que dificultam o ensino: desde a falta de estrutura, tempo das aulas até a formação do educador/profissional atuante na área.

Fiz algumas anotações a respeito de uma experiência que tive ao realizar o meu 3º estágio supervisionado. Estágio esse que foi realizado na mesma escola

(Ulisses Guimarães) em que estudei durante o ensino médio e outros anos (ens. Fundamental II) também. Lá, experimentei a sensação de estar em sala de aula, não mais apenas como um aluno que passou pela aquela instituição, mas sim como uma pessoa que, em determinado momento, passa a se reconhecer como um “ex- aluno” dessa mesma escola em um determinado espaço de tempo/período, mas que tem em na sua memória, na alma e no pensamento as lembranças dessa mesma escola, que sempre foi aquela escola querida, de onde esse aluno saiu. Sei que durante esses 4 anos, esse ex-aluno passou em um vestibular, ingressou na universidade... e hoje, nessa mesma universidade, ao retornar à antiga escola, tem a consciência de dizer que a vivência que teve nessa disciplina não era o que ele desejava.

O objetivo do meu estágio foi de passar algo diferente do que eu tive enquanto estudante do ensino médio. As coisas que aconteceram nesse estágio não foram bem como imaginei: primeiramente, tive problema com os recursos (no caso eu pretendia passar algumas imagens, vídeo e preparar uma aula com slide, mas não tinha como trabalhar com o Projetor por que o mesmo estava com os cabos danificados). Então, parti para o plano B.

Eu me senti um pouco incomodado, por não ter conseguido trabalhar as aulas da forma como eu queria. Na volta para o Tempo Universidade (T. U.), na primeira aula da disciplina de Estágio III, falei sobre essa experiência e as dificuldades encontradas nessa mesma etapa da disciplina.

Constatei a seguinte situação: Depois dessa experiência eu me dei conta que eu trabalhei uma aula da mesma forma que eram as minhas aulas de Artes no Ensino Médio.

Em um dia na orientação deste trabalho de conclusão de curso, lembrei dessa tal experiência e comecei a contar o relato para o meu orientador: enquanto ele ficara empolgado com o que eu relatara, eu, por outro lado, fiquei muito triste, pois naqueles 5 segundos seguintes passou um filme na cabeça, e me emocionei ao lembrar que reproduzi a minha aula da mesma forma que eu a recebia, quando era aluno da E.E.D.U.G.

Eu, Kennedy Sousa Lopes, hoje estou no último período da graduação de Educação do Campo – habilitação Artes e Música. Meio que, por acaso, cheguei à universidade e pude construir meu pensamento a respeito da mesma arte que fez parte da minha vida desde o início dos meus estudos até então. Os estudos das

artes no e.m pra mim sempre foram sobre mais uma disciplina da grade escolar, no entanto sempre a tratei como as outras, sempre tive em mente que era uma disciplina que não daria tanto trabalho quanto as outras, mais nunca desrespeitei, ou deixei de fazer as atividades por achar mais fácil. Sempre fiz questão de tirar notas boas, independente se a disciplina era difícil ou fácil, essa sempre foi minha meta, nem sempre eu conseguia alcançá-la, mas pelo menos era o que tentava.

A Arte no Ensino Médio trouxe momentos importantes, mesmo tendo mais aulas teóricas, que geralmente conteúdos eram passados no quadro, mesmo assim eu não posso dizer que aprendi tudo ou o bastante, não. Sei apenas que eu fazia o que a professora pedia. O que ela escrevia eu também transcrevia. Diante desses relatos sobre como eram as aulas, Paulo Freire (1997, *apud* Patto) argumenta que “na concepção ‘bancária’ – permita-se-nos ser insistente – o educador vai ‘enchendo’ os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos” (p.75).

Talvez, o que eu desejasse fosse o que Freire chama de “prática problematizadora”, em que “vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo” (IDEM, p. 75).

Quando o Freire ressalta que se permitia uma repetição insistente, podemos identificar que nos relatos anteriores, existia também essa tal repetição, se levamos em conta, a relação da maneira com eram as aulas, como o participante dessas experiências (aulas) tinha contato com elas. Era sempre algo parecido, que não mudava.

Mas depois de chegar a UFT vi que a vida não se resumia apenas em copiar tudo o que era escrito no quadro, percebi que era além do quê apenas copiar, passei a me envolver e comecei a descobrir coisas novas, ter contato com outras coisas diferentes. As oportunidades foram surgindo e me fizeram embarcar nos momentos que marcaram minha memória.

Aprendi que na Educação do Campo, tudo vai além das quatro paredes da sala, que às vezes aprendemos mais do lado de fora, e que nem sempre essas aulas são práticas. Aprendi com o tempo que os resultados não aparecem apenas nos dias bons, que às vezes as melhores coisas surgem dos dias péssimos, dos

dias tristes, não dá para compreender essas coisas, mais de vez em quando elas acontecem.

A educação do campo faz com que tenhamos possibilidades de lutar para mudar ou pelo menos de tentarmos mudar futuramente essa realidade com a qual nos deparamos no agora. Através desses anos e de muitos momentos, me deparei com situações das quais eu não imaginava que poderia ver/presenciar. Diante disso, passei a compreender um velho e popular ditado que é muito usado, principalmente pelas pessoas mais experientes, onde se diz que “Vida boa é a do vizinho”. Se levarmos ao pé da letra, a vida do outro sempre é melhor, mas para quem está fora dali, que acha que tudo é fácil, que as coisas se resolvem do nada, na verdade as coisas não funcionam bem assim.

Educação do campo é um curso que forma as pessoas e que ao longo da caminhada faz com que seus discentes criem/revelem e assumam a sua verdadeira identidade, é um curso que mostra o que e quem realmente você é.

Ao analisar os dados coletados, percebi que muitas coisas como pesquisar novas metodologias para as aulas, trabalhar com materiais reaproveitáveis, dentre outras situações, ajudaria no trabalho educacional a partir da realidade dos alunos, sabendo que é precária a realidade que temos no ensino da arte.

O contato que tivemos com várias culturas nos possibilita trabalhar muitas das características com as quais tivemos a possibilidade de conviver durante a graduação. É importante saber sobre a própria cultura, mas é importante conhecer as demais.

O campo das artes teve o momento de muita relevância, quando foi decretada a Lei nº 13.278 de 2 de maio de 2016, dando importância ao seu ensino. Para isso, foi alterado o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394/96:

Art. 1º O § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.” (NR)

Art. 2º O prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes desta Lei, incluída a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica, é de cinco anos (BRASIL, 2016).

Após ser decretada essa lei, visava-se a melhoraria do ensino de arte, pois a partir de então seria dada a oportunidade para os profissionais formados na área atuarem no ambiente escolar de forma respaldada pela lei. Esse momento de importância da arte dentro das leis foi desfeito, logo após ser decretada a reforma do Ensino Médio, com a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Dessa forma a Lei nº 9.394/96 sofreu mudanças que afetaram diretamente o ensino de arte.

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

- I - linguagens e suas tecnologias;
 - II - matemática e suas tecnologias;
 - III - ciências da natureza e suas tecnologias;
 - IV - ciências humanas e sociais aplicadas.
- [...]

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia. (BRASIL, 2017).

Essas mudanças deixaram a disciplina de artes sem uma definição específica.

Como futuro professor de artes, vejo que terei muitos desafios pela frente: ao que parece, os alunos estão querendo algo que os professores não estão podendo lhes apresentar, porque a instituição não fornece o que é preciso para trabalhar dentro das escolas. Acredito que esse seja a grande questão no ensino de arte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou obter resultados sobre quais foram as relações que me fizeram ter outro olhar para a importância da arte, e como percebi a arte, a partir da trajetória que realizei durante a graduação.

Através dessa investigação, passei por momentos que me fizeram ver a arte de uma forma diferente. Os relatos sobre a minha trajetória marcam essa mudança, pois a partir da graduação tive acesso de melhor qualidade à arte, tanto no modo teórico, que foi através dos estudos sobre a arte e no modo prático, onde visitei lugares, participei de eventos artísticos, participei de oficinas para a criação de objetos artísticos, tive a oportunidade fazer teatro, fotografar, desenhar e até fazer músicas em algumas disciplinas. Essa trajetória como acadêmico de artes, me fez ter contato e ver a arte de um jeito que, eu enquanto estudante de ensino médio não conhecia ou via. Essa possibilidade de ter acesso a arte que fez com que eu passasse a pesquisar sobre a mesma, o que possibilitou a mudança do meu conhecimento acerca de como ver a arte.

Como para coleta de dados foi utilizados alguns instrumentos (questionário, entrevista e observações) uma das principais idéias para investigar como estava sendo as aulas de artes, para a presente comparação, entre o momento em que vivenciei o ensino médio na E.E.D.U.G e o momento em que os alunos das turmas de ensino médio do atual ano (2019) estão passando.

Na análise dos dados, consegui encontrar relatos de alunos que em algumas de suas respostas sobre a aula de artes, demonstraram que eles tem um pensamento parecido com o meu, em relação ao período e a posição que eles estão hoje, que é a posição de alunos do Ensino Médio.

Percebi que uma boa parte dos alunos que participou da pesquisa, demonstrou que querem conhecer mais sobre a arte, ter mais aulas práticas, conhecer o que tem de arte na região, ter contato com artistas no ambiente escolar, ter um local para praticar a arte. Dentro dessas colocações, afirmo que esses alunos sabem o que querem, se colocam de uma forma contrária a maneira como eu pensava na época do ensino médio. Diante dessa pesquisa, vejo que esses alunos querem conhecer e ter acesso a outras formas artísticas, como o teatro, a música, a dança e as artes visuais.

Com a pesquisa foi possível identificar que, através dos questionários, os participantes mostraram o interesse e o desinteresse nas aulas de arte, ao relatarem que existe a falta de materiais para as aulas da mesma disciplina; abordam também que faltam novas metodologias para esse ensino (embora tenha mudado alguns aspectos em relação a como era o ensino da disciplina durante o meu Ensino Médio).

Durante as observações feitas, percebi que em algumas turmas houve atividades, que no período em que eu estudava não aconteciam. Essa diferença encontrei nas três turmas de 2º anos, quando a Professora 2 proporcionou que os alunos se apresentassem com alguns estilos musicais que eles estudaram no semestre, sendo no período em que coletei os dados. A partir dessas observações, entendi que, em alguns aspectos, as aulas de artes tiveram uma modificação, pois a Professora 2 possibilitou que seus alunos estudassem a teoria e logo colocassem os estudos em prática. Outro dado que me chamou bastante a atenção foi que ao analisar as entrevistas realizadas com os dois alunos que estudam no ensino médio, obtive algumas respostas que foram diferentes para a mesma situação, o que me deixou pensativo, pois para um dos participantes (J) a forma como a Professora 2 trabalha, traz essa mistura da teoria e prática, o que vejo como ponto de mudança no ensino da matéria de artes, mas por outro lado, o outro participante (H), relata que as suas aulas são apenas na forma teórica, o que causa um conflito em comparação com as duas versões apresentadas.

Dentro desse processo em que foi a minha trajetória, percebi que o professor de Artes encontra várias dificuldades. Tive a oportunidade de me colocar no lugar de um professor de Artes, durante o meu Estágio III, onde encontrei diversas dificuldades, como a falta de recursos para tornar a aula mais interessante.

Vejo que a matéria de Artes não tem a mesma importância que as demais matérias. A presente pesquisa vem afirmar como ainda é frágil a estrutura e o suporte à disciplina de Artes, mesmo tendo essa modificação para algumas turmas, evolução essa de poder trabalhar a teoria e prática em algumas situações. Para essas dificuldades encontradas, acredito que tanto a Escola, como o Estado, podem (e devem) dar um melhor suporte, para que a disciplina de artes conte com uma melhor visibilidade e possa ser trabalhada com profissionais formados na área.

Acredito que esta pesquisa contribua para a educação no sentido de relatar alguns problemas encontrados no ensino da disciplina de arte, a partir de uma investigação pessoal em períodos diferentes (como aluno do Ensino Médio e como futuro professor de Artes).

Os resultados contribuem para uma reflexão a cerca dos desafios e as possibilidades do desenvolvimento do ensino de arte nas escolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de. Movimentos sociais do campo e práxis política: trajetória de luta por uma educação do campo no Tocantins. IN: **Educação do campo, artes e formação docente**/Cícero da Silva, Cássia Ferreira Miranda, Helena Quirino Porto Aires, Ubiratan Francisco de Oliveira (orgs). - Palmas/TO: EDUFT, 2016.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6o do artigo 26 da Lei no 9.394/96, referente ao ensino da arte. Diário Oficial da União, Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm> Acessado em: 29 de Nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm> Acesso em: 29 de Nov. 2019.

FORTIN, Silvie. Contribuições possíveis da etnografia e da autoetnografia para a pesquisa na prática artística. In: **Revista Cena**. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – Instituto de Artes da UFRGS, n. 7, 2009.

FRAZÃO, Dilva. Bertolt Brecht Dramaturgo alemão. **EBIOGRAFIA**. PE. 2000. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/bertolt_brecht/>. Acesso em 16 de nov. 2019.

GAUDÊNCIO, Flávia.; SAMPAIO, Rosa A. O. **Exposição fotográfica Paraguaçu**. 05 a 16 de Nov. 2018. Cartaz. Disponível em: <<https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/23411-campus-de-tocantinopolis-sediara-exposicao-sobre-o-rio-paraguacu>>. Acesso em 20 de Nov. 2019.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p.9 à 62.

IPHAN. Parque Nacional Serra da Capivara (PI). **IPHAN**, Brasília/DF, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/42>>. Acesso em 16 de nov. 2019.

PATTO, Maria Helena Souza (Org). **Introdução à psicologia escolar**. 3 ed. São Paulo – SP: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 1997. Disponível em:<https://www.academia.edu/7093634/_Introducao_A_Psicologia_Escolar_Maria_H_S_Patto>. Acessado em 24 de Out. 2019.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**. São Paulo, v.24.1, p.214-241, 2017.

TURISMO TOCANTINS. Povo Apinajé. Disponível em: < <https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/bico-do-papagaio/principais-atrativos/tocantinopolis/povo-apinaje/>> Acessado em 30 de Nov. 2019.

UGINO, Alessandra Pereira Matias. A educação contemporânea de Arte: repensando o cotidiano da sala de aula. IN: **Desafios para a docência em arte: teoria e prática**/Coordenadora Rejane Galvão Coutinho; Autores Adriana Maria de Oliveira Desiderio... [et. al.] – São Paulo: Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Educação à Distância, [2013].